

Binômios (Irreversíveis)

Binomials (Irreversible)

Éda Heloisa Pilla *

RESUMO: O artigo trata da análise do Binômio, explicitando-o e classificando-o por meio de um corpus de 150 exemplos desse tipo de estrutura gramatical presente na língua portuguesa do Brasil. Os binômios podem ser definidos como uma fórmula fraseológica fixa, formada por duas palavras pertencentes à mesma classe gramatical e geralmente unidas por um elemento de ligação que, não raro, é uma preposição. Sintaticamente se caracterizam como um caso de combinabilidade de palavras (com frequente irreversibilidade dos componentes), e semanticamente se comparam às expressões idiomáticas, com as quais compartilham o sentido metafórico.

PALAVRAS-CHAVE: Análise. Binômios. Língua portuguesa do Brasil. Combinabilidade sintática. Idiomaticidade semântica.

ABSTRACT: The present paper aims at analysing, explaining and classifying the Binomial by means of a corpus composed of 150 examples of that kind of grammatical structure found in Brazilian Portuguese. Binomials can be defined as phraseological sequences in which two words pertaining to the same class, generally connected by a preposition, become a fixed formula. Syntactically, Binomials are characterized as a case of word combinability (with frequent irreversibility of their components), and semantically they can be compared to idioms, with which they share the metaphorical meaning.

KEYWORDS: Analysis. Binomials. Brazilian Portuguese. Syntactic combinability. Semantic idiomaticity.

* Possui graduação em Letras Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (1964), especialização em Tradução e Interpretação pela Pontifícia Universidade Católica do RGS (PUCRGS, 1977), mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977) e doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente, é professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: pillasea@cpovo.net

Introdução

Dois irmãos agricultores saíram de casa cedo para trabalhar na roça e preparar um pedaço de terra, até então devoluto, para a cultura de milho da família. No final da tarde, voltando para suas respectivas residências, um deles relatou a seu pai que, ao limpar o terreno, haviam encontrado *lagartos e cobras* e o outro contou para a esposa que no local onde trabalharam havia *cobras e lagartos*. Estariam eles se referindo à mesma coisa, ao dar essa informação?

Normalmente, é assim que iniciamos uma aula sobre Binômios Irreversíveis (BI), ou seja, enfatizando, de saída, a questão de uma característica predominante, nesses pares de palavras, sem a qual perdem seu *status* de fórmulas idiomatizadas, e que é, a par da convencionalização do significado, a sua irreversibilidade (na esmagadora maioria dos casos).

Com base no que Malkiel (1959) chamou de Binômios Irreversíveis e, após uma pesquisa e coleta de um número razoável de exemplos na língua portuguesa, passamos a algumas considerações sobre esses itens, bem como a uma descrição e classificação dos mesmos.

Parece-nos importante começar definindo os BI como uma sequência de duas palavras (antecedidas ou não por algum modificador) pertencentes à mesma classe gramatical, colocadas em um mesmo nível de hierarquia sintática e, normalmente, unidas por um elemento de ligação lexical, de tal forma que não é possível a permuta dos mesmos. Note-se que essa definição não menciona, ainda, critérios semânticos, tais como sentido metafórico ou literal.

Um caso típico de BI seria *mundos e fundos*, o qual constitui uma fórmula, já que seus componentes não podem ser invertidos (irreversibilidade morfológica), sob pena de perder seu status de binômio, e tornar-se, *ipso facto*, estranho ao falante nativo. O mesmo *status* do exemplo acima citado é compartilhado pelas sequências: "*cobras e lagartos*" e "*malas e bagagens*", por exemplo.

Além da irreversibilidade, outro fator de identificação da maioria dos binômios é o seu caráter idiomático, entendido, nesse caso, como sua não

literalidade semântica. Esse caráter nos remete a uma comparação com as chamadas expressões idiomáticas, cuja condição essencial repousa em sua própria definição: construções pluriverbais cujo significado total, convencionalizado, não decorre da soma dos significados de suas partes. “*Bater as botas*”, “*por os pingos nos is*” e “*por as barbas de molho*” são exemplos daquelas sequências frasais. O significado de uma expressão idiomática, portanto, não é previsível a partir de seus componentes, pois nessa expressão, como um todo, houve convencionalização do significado, tornando-a idiomática.

Binômios e expressões idiomáticas

As duas características mais frequentemente mencionadas com relação às expressões idiomáticas dizem respeito à composicionalidade (formações fraseológicas de mais de duas palavras) e à convencionalidade do significado, o que se reflete em sua opacidade semântica.

Além dessas, as expressões idiomáticas podem apresentar outras características, no que se comparam aos binômios. Examinemos alguns casos:

1º – Algumas são fórmulas frasais que resistem a uma análise gramatical, constituindo uma formação assintática. Exemplo: *saltar (cair) de ponta cabeça*.

A assintaticidade da expressão decorre do fato de seus componentes violarem as restrições sintáticas e semânticas da língua, eis que se trata de dois substantivos onde um modifica o outro. Esse fato também impede a interpretação da expressão em seu sentido literal, restando apenas o sentido global e idiomático.

Além disso, com relação ao exemplo acima, não existe a possibilidade de construir uma expressão sintaticamente paralela, substituindo-se a palavra *cabeça* por outra parte do corpo (*de ponta pé* ou *de ponta mão*), mantendo o mesmo paralelismo semântico convencionalizado.

Segundo as normas morfossintáticas do português, alguns exemplos de binômios como “*pelo sim pelo não*” e “*mais dia menos dia*” também são marcados pela assintaticidade.

É importante observar que as expressões composicionais, sejam expressões idiomáticas ou binômios, são, em sua maioria, sintaticamente bem formadas. As sintaticamente mal-formadas possuem estrutura totalmente rígida, o que indica, também, que o fenômeno da idiomaticidade é quase totalmente semântico em sua natureza.

2º – Tanto expressões idiomáticas quanto binômios são fórmulas, cuja classificação dentro do período, independe de sua estrutura interna, como o caso dos BI: *soprar e comer, oito ou oitenta, vamos e venhamos e vira e mexe*.

Observemos o comportamento dessas fórmulas, contextualizadas nas frases que seguem: “Ofereceram a Paulo o emprego de redator na revista” ; “ - *É soprar e comer*, disse seu pai”. A expressão, formada por dois verbos, funciona como um predicativo. No caso de: “- Paulo apostou tudo o que tinha no número 17”, “Bem, Paulo, com você é *oito ou oitenta*”, __registra-se outro caso de predicativo, desta vez com uma expressão formada por dois componentes numerais.

No contexto: “*Vamos e venhamos*, Paulo, você não poderia ignorar que a sorte nem sempre está do seu lado”, o binômio, em itálicos, que é, em si mesmo uma oração, funciona como um aposto.

3º – Grande parte dos binômios, tanto quanto as expressões idiomáticas, não pode ser traduzida literalmente para outras línguas, mantendo seu *status* como tais, entre eles: *de fio a pavio* e *a torto e a direito*, por exemplo.

Outros têm contrapartida em outra língua, embora não se garanta o paralelismo semântico, como por exemplo:

- *prós e contras* – *pros and cons* (ing.)
- *malas e bagagens* – *bag and baggage* (ing)
- *são e salvo* – *safe and sound* (ing.)
- *a fome e a vontade de comer* – *el hambre con las ganas de comer* (esp.)
- *usos e costumes* – *us et costumes* (fr.)

- *de tempos em tempos – di tempo in tempo* (it.)

- *da cabeça aos pés – von Kopf bis Fuss* (al.).

4º – Como as expressões idiomáticas, um número bem reduzido de binômios pode não ter sentido idiomático, como: *cedo ou tarde; de trás para diante* e *agora ou nunca*, constituindo, nesse caso, convenções puramente sintáticas, pois apenas a ordem de seus elementos ficou congelada pelo uso.

Em grande parte dos Binômios, entretanto, ocorre, como nas expressões idiomáticas, a convencionalização do significado, não podendo ser entendidos em seu sentido literal. É o caso de: *a ferro e fogo; tiro e queda* e *mundos e fundos*.

5º – Os binômios são construções semiautônomas que não contêm segmentos matriciais próprios. Os verbos que soem ocorrer antes deles não fazem parte da expressão. Esse é o caso das expressões: *toma lá dá cá* e *pão pão queijo queijo* (que, excepcionalmente, não apresentam elementos de ligação explícitos). Em contraposição, as expressões idiomáticas sim, ex: *fazer gato e sapato; conferir/contar tostão por tostão*.

Vejamos a contextualização dos exemplos dados mais acima: Nesse *toma lá dá cá*, quem saiu ganhando fui eu". A expressão *toma lá dá cá*, que é um sintagma substantivado, funciona como advérbio de modo, mas também pode ser apenas um substantivo como em: "o *toma lá dá cá* dos políticos".

No contexto que segue, o segundo binômio do exemplo citado mais acima funciona como um predicativo. Vejamos: " - Comigo é *pão pão queijo queijo*, disse Paulo, não aceitando nenhuma explicação".

Vemos, portanto, que os BI frequentemente ocupam uma posição independente no período, podendo ser transferidos de um ponto ou outro da oração, especialmente quando se trata de um grupo adverbial, como é o caso de: *de tempos em tempos; entra ano sai ano* e *minuto a minuto*.

A formação dos binômios

Autores estrangeiros que já examinaram os binômios como Malkiel (1959), e Garner (2002) atribuem sua existência à oralidade. O primeiro destaca a aliteração como um amálgama entre os componentes dos binômios, o que teria contribuído para a sua fixação. Garner considera que o uso de quase sinônimos, na tradição oral, daria tempo para que o ouvinte assimilasse o discurso do falante. Já Mellinkoff (1963), estudioso dos binômios na linguagem jurídica do inglês britânico, coloca na redundância das tautologias de alguns binômios uma forma que os advogados do século XVII encontravam para ganhar mais dinheiro, já que eram remunerados pela quantidade de páginas que produziam.

Na realidade, é fácil perceber que o poder da aliteração e da redundância pode ser um recurso para transformar mentes e opiniões, sendo a prolixidade da linguagem jurídica do inglês abundante nesse estratagema, segundo verificamos no trabalho do autor citado. A aliteração, (repetição de fonemas no início, meio ou fim de vocábulos próximos ou mesmo distantes, desde que simetricamente opostos), é considerada como uma espécie de rima. Como tal chama atenção para o significado das palavras sobre as quais incide, dando uma impressão de ordem e criando uma expectativa no ouvinte, além de trazer consigo um certo elemento de surpresa.

Existe, entre os tradutores, a convicção de que as expressões idiomáticas, bem como os binômios, constituem alguns dos itens mais rebeldes à tradução, entre outras causas porque, ao traduzi-los, deveria ser mantido o sentido figurado, respeitado seu caráter de expressão fixa, mantida a imagem utilizada, o caráter emotivo, o registro estilístico e o colorido nacional, o que é dificilmente alcançado em sua totalidade.

Isso ocorre, como explica Lakoff (1980), porque as metáforas operam no nível do pensamento antes de se expressarem na linguagem por meio de palavras. Sendo assim, o elo metafórico entre o domínio alvo (*target domain*) reflete o domínio fonte (*source domain*), pressupondo relações entre processos

e atributos fortemente atrelados à cultura ou visão de mundo, subjacentes à linguagem.

Segundo Sharifian (2011), as conceptualizações culturais são consideradas representações distribuídas pelas mentes dos membros de um grupo cultural e são constantemente negociadas e renegociadas através de gerações. Elas têm por base a experiência social das pessoas, criando modelos mentais que geram associações e relações na memória lexical desses falantes. Tais modelos atuam, com o passar do tempo, como âncoras para o pensamento e comportamento, podendo constituir uma visão de mundo.

Vê-se, pois, que os dois autores, recém citados, chegam a uma mesma conclusão, a qual corrobora nossa afirmação de que, ainda que possam ser quase literalmente traduzidos, não há segurança de que os BI, mais acima citados, sejam interpretados da mesma forma, em uma e outra cultura. Em realidade, o que deve ser considerado, no caso em questão, não é tanto a equivalência dessas expressões em uma e outra língua (não faz parte do escopo deste trabalho), mas sim o fato de serem metafóricas. Por desvinculá-las de seu sentido literal, o processo de metaforização torna-as, novas entidades, cujo sentido, totalmente arbitrário, é que vai refletir a cultura à qual pertencem. Isso explica a imprevisibilidade de como e por que as culturas metaforizam suas expressões.

Ao submeter a nossa lista de binômios ao julgamento de 80 falantes nativos de português do Brasil (alunos do curso de bacharelado em tradução da UFRGS, com idade entre 21 e 30 anos), percebemos, de suas observações, que algumas combinações foram por eles consideradas livres, e seu *status* de fórmulas convencionais não foi claramente reconhecido. Algumas sequer foram consideradas fórmulas consagradas. Entre essas, estão: *livre e desimpedido*; *límpida e cristalina*; *de cama e mesa*; *carrasco e algoz* e *a hora e a vez*.

Nos exemplos acima, 20% dos informantes consultados julgaram que se poderia substituir um membro dessas expressões sem alterar o seu sentido, e outros (20%) relataram desconhecer o sentido de algumas, entre elas: *de cama e mesa* e *a hora e a vez*.

Quanto ao contexto de ocorrência, alguns informantes consideraram que ele pode ser bastante restrito como em: *nua e crua* (apenas com verdade); *de forno e fogão* (com empregada) e *de cama e mesa* (com amizade). Ao metaforizarem-se, essas expressões fixas podem expandir sua ocorrência para além de apenas um contexto.

Uma porcentagem de 90% desses mesmos informantes reconheceu, entretanto, a irreversibilidade dos binômios acima citados, o que, empiricamente, os torna expressões/fórmulas fixas.

Esse fato nos conduz à dedução de que, se em um extremo inicial de uma escala tivermos uma combinação livre, e no final a fórmula fixa (de aceitação geral como um binômio), a zona intermediária pode conter casos nebulosos, cabendo aí combinações livres em vias de cristalização.

Várias restrições podem atuar sobre esse processo, desde a frequência de uso, até a aceitação social, a nuance semântica ou a fonte inicial.

No Brasil, o esporte e a política costumam ser fontes fecundas de novos binômios. Aí estão: *homem a homem* (marcação); *no peito e na raça* (vitória); *empregados e empregadores* (introdução de discurso); *livre e democrático* (voto); *direitos e deveres* (dos cidadãos); *limpa e honesta* (campanha); *civis e militares* (introdução de discurso); *ampla e irrestrita* (abertura) e *lenta e gradual* (anistia), sendo que aqueles originados pela política estão, frequentemente, atrelados a uma época, sendo imprevisíveis quanto à permanência.

Por que irreversíveis?

A razão da irreversibilidade do binômio, ou o uso que o cristalizou como uma fórmula fixa, pode ter sua origem em forças tais como aspectos socioculturais, que teriam estabelecido, por exemplo, o uso de: *homens e mulheres; meninos e meninas; pais e filhos; adultos e crianças; ele e ela e macho e fêmea, sobre seus inversos: (mulheres e homens; meninas e meninos; filhos e pais; crianças e adultos; ela e ele; fêmea e macho)*, indicando uma

precedência política (ou machista) de um sexo (masculino) sobre o outro (feminino).

Binômios institucionais do tipo: *café com leite; arroz com feijão e bife com fritas*, com perda do *status* se revertidos, supostamente tiveram sua ordem consagrada pelo uso porque o segundo membro tenha sido um complemento do primeiro em uma decorrência hierárquica (ou mesmo cronológica), o que seguramente reafirma que os padrões lexicais revelam também padrões culturais.

Por outro lado, o aspecto morfológico pode sobrepor-se a qualquer outro, ao colocar-se o vocábulo mais longo após o mais curto, como em "*verde e amarelo*" (e não amarelo e verde).

A mesma regra é verificada em (*como*) "*gato e cachorro*" (primeiro membro dissílabo e segundo trissílabo), e é ratificada pela inversão da ordem, se substituirmos *cachorro* por *cão* em (*como*) "*cão e gato*", o que salienta a possibilidade de haver um padrão gramatical conferindo ao primeiro membro preferência sobre o segundo com base meramente na extensão da palavra.

Os poucos binômios reversíveis (que não perdem seus status com a inversão dos membros) como: *pra lá e pra cá (pra cá e pra lá)* e *pra pior ou pra melhor (pra melhor ou pra pior)*, contêm componentes unidos pelas conjunções *e/ou/nem*, mantendo entre si uma relação de oposição/negação, em um deslocamento gradual e linear. Isso, entretanto não constitui uma regra, pois observe-se os casos de: *para o bem ou para o mal; nem isso nem aquilo e nem pra frente nem pra trás*, que não aceitam a reversibilidade, sendo a precedência do primeiro membro determinada por uma questão semântica qualitativa (primeiro o "*bem*", depois o "*mal*"; primeiro "*pra frente*", depois "*pra trás*"), ou de proximidade (primeiro "*isso*", depois "*aquilo*").

Havendo dependência semântica entre os membros do B (o que pode exigir um elemento de ligação explícito), a precedência de um sobre o outro constitui um fator a mais para torná-la obrigatória, já que exprime uma relação de início e fim, como em: *de cabo a rabo; de fio a pavio e de mal a pior*.

Mesmo que os dois membros pertençam à mesma categoria gramatical, os elementos funcionais *de... a* passam a determinar a irreversibilidade do binômio, por haver uma implicação de dependência semântica original (antes de sua fixação). Este não é o caso, entretanto, de "*de mal a pior*", onde o segundo membro designa uma decorrência do primeiro, o que, certamente, determina a precedência de um sobre o outro.

Rima e aliteração

Nos BI, mesmo se tratando, inicialmente, de uma associação livre, a reunião dos elementos constituintes, pode lexicalizar-se pela mera frequência dessa incidência, e, também, quando a seleção dos elementos for determinada pela rima e/ou aliteração em detrimento do aspecto semântico. É o caso dos exemplos abaixo, os quais a escolha dos membros (às vezes, quase sinônimos) pode ser motivada apenas pela fonologia:

- *sem medo e sem pejo*
- *de fio a pavio*
- *porongos e mondongos*
- *mundos e fundos*
- *aos trancos e barrancos*
- *berlique e berloques*
- *assim ou assado*
- *coisa e lousa*
- *brique braque (ou bric brac)*
- *sem eira nem beira*
- *sem lenço nem documento,*

Classificação dos BI

Quanto ao aspecto lexical.

I – Quando os componentes A e B são a(s) mesma(s) palavra(s), sem elemento de ligação:

- *zum zum*
- *mexe mexe*
- *lenga lenga*
- *lero lero*
- *corre corre*
- *assim assim*
- *diz que diz que*
- *pão pão queijo queijo*

II – Quando A e B são a mesma palavra, porém com elemento de ligação:

- *homem a homem*
- *pouco a pouco*
- *lado a lado*
- *ombro a ombro*
- *passo a passo*
- *frente a frente*
- *um a um*
- *taco a taco*
- *meio a meio*
- *tintim por tintim*
- *tostão por tostão*
- *pedra sobre pedra*
- *pé ante pé*
- *de sol a sol*
- *de par em par*
- *de ponta a ponta*
- *de tanto em tanto*
- *de mão em mão*
- *de grão em grão*
- *por tudo e com tudo*

- *de homem para homem*

III – Quando A e B são dois verbos:

- *soprar e comer*
- *beijar e guardar*
- *deitar e rolar*
- *ver para crer*
- *beber ou verter*
- *morre não morre*
- *sem tirar nem por*

IV – Quando B incorpora alguma variação fonológica sobre A:

- *lusco fusco*
- *alhos com bugalhos*
- *assim ou assado*
- *sem eira nem beira*
- *ceca e meca*
- *sua alma sua palma*
- *uso e abuso*
- *crê com crê lê com lê*
- *coisa e lousa.*

Quanto ao aspecto semântico.

I – A e B são quase sinônimos:

- *frio e calculista*
- *entre mortos e feridos*
- *única e exclusivamente*
- *cobras e lagartos*
- *ao fim e ao cabo*
- *lunático e aluado*
- *a cara e a coragem*

- *tarde ou nunca*
- *do bom e do melhor*
- *nunca jamais*
- *nua e crua*
- *livre e desimpedido*
- *límpido e cristalino*
- *amor e carinho*
- *público e notório*
- *carrasco e algoz*
- *social e mundano*
- *pura e simplesmente*

II – A e B se completam semanticamente:

- *de corpo e alma*
- *de mal a pior*
- *em carne e osso*
- *a corda e a caçamba*
- *cama e mesa*
- *nem isso nem aquilo*
- *a mão e a luva*
- *de forno e fogão*
- *em prosa e verso*
- *curto e grosso*
- *paz e amor*
- *de fraque e cartola*
- *sem lenço nem documento*
- *sem pai nem mãe*
- *de terno e gravata*
- *chuvas e trovoadas*
- *perdas e danos*
- *ao vivo e a cores*

- *sagrado e indissolúvel*

III – B é o oposto de A:

- *sem pé nem cabeça*
- *chove não molha*
- *preto no branco*
- *leva e traz*
- *de trás para diante*
- *vivo ou morto*
- *idas e vindas*
- *risos e lágrimas*
- *ida e volta*
- *entre a vida e a morte*
- *nem uma coisa nem outra*
- *como fel e mel*
- *conversa vai conversa vem*
- *um pé lá outro cá*
- *pra lá e pra cá*
- *para cima e para baixo*
- *ascensão e queda*
- *não ata nem desata*
- *não vai nem vem*
- *nem pra frente nem pra trás*
- *de cor e salteado*
- *pra melhor ou pra pior*
- *tudo ou nada*
- *nem contra nem a favor*
- *pegar ou largar*
- *aqui e ali*
- *isso e aquilo*
- *do começo ao fim*

- *uma vez na vida outra na morte*
- *uma mão na frente e outra atrás*
- *altos e baixos*
- *de um lado para o outro*
- *dos pés à cabeça*
- *o possível e o impossível*
- *quer queira quer não*
- *mais morto do que vivo*
- *matar ou morrer*
- *entre a cruz e a espada*
- *em branco e preto*

IV – A é uma subdivisão de B ou vice-versa.

- *oito ou oitenta*
- *a três por dois*
- *das duas uma*

V – B é consequência de A.

- *tiro e queda*
- *cresça e apareça*
- *causa e efeito*

Binômios institucionais.

- *arroz com feijão*
- *pão com manteiga*
- *café com leite*
- *bife com fritas*
- *verde e amarelo*
- *do Oiapoque ao Chuí*

Binômios de origem histórica e/ou literária.

- *gregos e troianos*
- *com fé e orgulho*
- *independência ou morte*
- *dente por dente (olho por olho)*
- *de Herodes a Pilatos*
- *crime e castigo*
- *a mão e a luva*
- *ser ou não ser*
- *amor e ódio*
- *orgulho e preconceito*
- *guerra e paz*
- *chimangos e maragatos*
- *a hora e a vez*

Binômios de origem latina (traduzidos ou não).

- *palavra por palavra (verbo ad verbum)*
- *por séculos e séculos (per omnia saecula saeculorum)*
- *mutatis mutandis*
- *pão e circo (panem et circenses)*
- *dividir para governar (divide ut regnes)*

Quanto à representação sintática dos componentes.

I – N + CONJ + N (uso e abuso; coisa e lousa)

II – V + CONJ + V (soprar e comer; deitar e rolar)

III – ADJ + CONJ + ADJ (social e mundano; límpido e cristalino)

IV – PRON + CONJ + PRON (isso e aquilo; tudo ou nada)

**Quanto aos elementos iniciais e de ligação entre os membros
(preposições/conjunções)**

I – a (o) _____ a(o) _____

II – de _____ a (em) (para) _____

- III – como _____ e _____
 IV – para _____ para _____
 V – sem (nem) (não) _____ sem (nem) _____
 VI – por _____ por _____
 VII – _____ por _____
 VIII – para _____ para _____
 IX – _____ sobre _____
 X – _____ a (ante) _____
 XI – em _____ e _____
 XII – ou _____ ou _____

Multinômios

Em português, também se observa a presença de multinômios (mais precisamente trinômios) transformados em sequências obrigatórias. A ocorrência de três membros (A, B e C) na fórmula, embora tenha a mesma motivação dos binômios quanto a sua origem, parece buscar nos três membros uma afirmação mais enfática. A formação com três elementos, em lugar de dois, pretende ser mais significativa por:

a) retirar seus membros (mais numerosos) de um grande conjunto, como por exemplo:

- *fulano, beltrano e cicrano*
- *x, y e z*
- *a, b e c,*

No qual apenas dois não teriam a mesma força.

b) representar um conjunto completo:

- *isto, isso e aquilo*
- *aqui, ali e acolá*
- *antes, durante e depois*
- *em gênero, número e grau*
- *sangue, suor e lágrimas (histórico)*
- *sexo, drogas e rock'n roll,*

No qual os três elementos pretendem fechar o conjunto ao qual pertencem.

c) ser puramente mais enfático:

- *blá, blá, blá*

- *nhem, nhem, nhem.*

d) ser uma imposição da própria evolução científica/tecnológica:

- *por terra , mar e ar*

- *por rádio, televisão e internet.*

Considerações finais

Um estudo mais aprofundado a respeito de BI deveria debruçar-se sobre questões cognitivas e culturais. Por emergirem no nível da cognição, por meio de associações emocionais e culturais, essas entidades linguísticas não são concebidas de forma idêntica, ainda que na mente dos membros de um mesmo grupo cultural. Isso ficou demonstrado na pesquisa com informantes jovens aos quais submetemos nossa lista de BI, seguidos de perguntas. Na verdade, esses membros compactuam parcialmente daquelas conceitualizações por razões específicas, ligadas ao seu respectivo desenvolvimento cultural, maturidade intelectual ou a mera faixa etária. Isso quer dizer, também, que membros de um mesmo grupo cultural têm graus variados de conhecimento e percepção de suas próprias conceitualizações.

Mesmo não sendo uniformemente distribuída entre os membros de um grupo cultural, a cognição cultural surge da interação entre esses membros. Assim sendo, palavras, expressões e quaisquer outras entidades linguísticas, geradas pela interação entre falantes de uma mesma língua, além de constituir produtos de um determinado conhecimento, são, também, representações produtivas de um repertório crescente, capaz de gerar novas respostas a novas situações culturalmente significativas.

Por sua estrutura sintética e resumida, e do ponto de vista formal, os BI constituem uma tendência linguística sintático-morfológica, na qual o produto final concreto (o Binômio) se compara, como diria Vygotsky (1978), a outras manifestações da vida das pessoas, como suas obras de arte, seus artefatos, rituais, pinturas e danças, incorporando as características de relações culturais historicamente condicionadas.

Referências

GARNER, Bryan. *The elements of legal style*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: A. Ortony (Ed.) *Metaphor and Thought*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George and Johnson, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago press, 1980.

MAKKAI, Adam. *Idiom structure in English*. The Hague: Mouton, 1972.

MALKIEL, Yakov. Studies in irreversible binomials. . In: *Língua 8*, Berkeley, 1959. p. 113-160.

MELLINKOFF, David. *The language of the law*. Eugene: Resource Publications, 1963.

PILLA, Éda H. Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua. AGE, 2002.

SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Conceptualizations and Language*. Johns Benjamins Publishing Company, 2011.

TAGNIN, Stella E. O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

Enviado em agosto de 2012.

Aceito em setembro de 2012.